

A performance da masculinidade e da sedução afro-brasileira de Fio Jasmim em *Canção para ninar menino grande*

*The performance of Afro-Brazilian masculinity and seduction by Fio Jasmim in
Canção para ninar menino grande*

Crislayde Maria de SOUSA*

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Algemira de Macedo MENDES**

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

RESUMO: Este artigo analisa a obra *Canção para ninar menino grande* (2022), de Conceição Evaristo, tendo como foco a personagem Fio Jasmim, para compreender a expressão da masculinidade em meio a expectativas patriarcais e normas de gênero. Definimos como objetivo geral analisar como Fio Jasmim expressa a masculinidade sob a influência dessas expectativas e normas, contribuindo para reflexões sobre a identidade masculina afrodescendente na sociedade contemporânea. De forma mais específica, buscaremos compreender como as características culturais, históricas e sociais associadas à identidade negra influenciam a percepção de Fio como sedutor, bem como analisaremos como suas interações com mulheres moldam suas atitudes e impactam suas ações na trama. Utilizaremos como aportes teóricos autores e autoras como: Judith Butler (2003), Pierre Bourdieu (2012), Jean Baudrillard (2008), Heleieth Safiotti (2004), bell hooks (2022), Patrícia Collins (2019), dentre outros. Com isso, almejamos aprofundar a compreensão das complexidades da masculinidade na literatura contemporânea, estimulando diálogos sobre identidade e relações interpessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Performance da Masculinidade. Patriarcado. Influência Feminina. *Canção para ninar menino grande*.

ABSTRACT: This paper analyzes the book *Canção para ninar menino grande* (2022), by Conceição Evaristo, focusing on Fio Jasmim to explore the expression of masculinity amidst patriarchal expectations and gender norms. The main objective was defined as analyzing how Fio Jasmim expresses masculinity under the influence of these expectations and norms, contributing to reflections on male identity afro-descendant in contemporary society. More specifically, the aim is to understand how cultural, historical, and social characteristics associated with black identity influence the perception of Fio as a seducer. Additionally, this paper is going to identify

* Licenciada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí, Fronteiras, Piauí. Mestranda em Letras pelo Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí UESPI, Teresina, Piauí. E-mail: crislaydemdesousa@aluno.uespi.br

** Doutora em Letras pela PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Professora Associada IV PPGL/UESPI/Bolsista de produtividade /CNPQ. E-mail: algemiramacedo@cchl.uespi.br

how his interactions with women shape his attitudes and impact his actions in the plot. We are going to use theoretical contributions from authors such as Judith Butler (2003), Pierre Bourdieu (2012), Jean Baudrillard (2008), Heleieth Safiotti (2004), bell hooks (2022), Patrícia Collins (2019), among others. Therefore, our aim is to deepen the understanding of the complexities of masculinity in contemporary literature, stimulating dialogues about identity and interpersonal relationships.

KEYWORDS: Literature. Performance of Masculinity. Patriarchy. Female Influence.

Introdução

No vasto panorama da expressão artística, a literatura contemporânea emerge como um espelho reflexivo da sociedade em constante transformação. Suas páginas não apenas entretêm, mas também desafiam, questionam e exploram os matizes complexos do mundo moderno. *Canção para ninar menino grande* (2022), de Conceição Evaristo, se revela como um delicado bordado, costurando com maestria as intrincadas tramas das identidades de gênero e as histórias que as tecem. Nesse cenário diversificado, Fio Jasmim surge como uma personagem cuja jornada se desdobra nas nuances das normas sociais, culturais e históricas que influenciam as formas como compreendemos gênero e sexualidade no Brasil.

Como figura central, Fio Jasmim é como um fio que se entrelaça a essas normas, contando sua história em meio às complexidades do contexto em que está imerso. Suas experiências refletem não apenas suas lutas pessoais como também as interações intrincadas entre o indivíduo e as expectativas sociais que permeiam a complexa sociedade. A literatura de Evaristo desconstrói estereótipos relacionados à raça, gênero e classe social, ou seja, suas histórias desafiam narrativas tradicionais, oferecendo uma visão mais ampla e complexa das experiências de vida de personagens afro-brasileiros.

Nesse sentido, este artigo propõe uma análise da performance da masculinidade e da sedução de Fio Jasmim na obra *Canção para ninar menino grande* (2022), de Conceição Evaristo. A temática do artigo reside na relevância contemporânea de explorar a complexidade da masculinidade e da sedução, especialmente quando consideramos a representação de Fio Jasmim em *Canção para ninar menino grande*. Em um contexto social em constante evolução, a compreensão das expectativas patriarcais e dos estereótipos de gênero é crucial para desvendar as nuances da identidade masculina.

Além disso, ao destacar o papel das mulheres na vida de Fio Jasmim, buscamos contribuir para uma discussão mais ampla sobre as relações interpessoais e o impacto significativo que as interações de gênero têm na formação de identidades individuais. Este estudo não apenas enriquece a análise literária como também promove uma reflexão crítica sobre as representações de masculinidade, abrindo espaço para diálogos impulsionadores sobre as experiências complexas dos homens na sociedade contemporânea.

Para compreender a performance da masculinidade e sedução de Fio Jasmim em *Canção para ninar menino grande* (2022), lançamos mão de teorias cruciais que exploram as relações intrincadas entre gênero, poder e identidade. As fundações teóricas incluem a Teoria de Gênero, de Judith Butler (2012), desafiando concepções binárias; a Teoria do Campo Social, de Pierre Bourdieu (2012), examinando interações sociais; bell hooks (2022) aborda a questão da masculinidade negra, Patrícia Collins (2019) com pensamento feminista negro e a Teoria da Sedução, de Jean Baudrillard (2008), explorando dinâmicas de poder na sedução. Esses alicerces críticos desvelam as complexidades da masculinidade de Fio Jasmim.

1 A performance da masculinidade e a pressão normativa

Dentro do contexto intrigante de *Canção para ninar menino grande*, a análise da performance da masculinidade de Fio Jasmim revela-se como um ponto focal essencial e direciona nossa atenção para a interseção complexa entre a expressão individual da masculinidade e as pressões normativas impostas pela sociedade. Em meio às expectativas patriarcais e normas de gênero que permeiam a narrativa, Fio Jasmim se posiciona frente a essa pressão normativa. A análise meticulosa de suas ações, diálogos e relações interpessoais desvelará as estratégias adotadas por Jasmim para negociar sua identidade masculina, proporcionando compreensões significativas sobre os desafios e nuances envolvidos na representação da masculinidade sob a influência de normas sociais.

Com base no que dispõe Butler (2012) a teoria de gênero performativa desafia a concepção de que o gênero é uma característica inerente e estática. O gênero não é algo que uma pessoa “possui”, mas sim algo que ela “executa” por meio de suas ações e

comportamentos. Desse modo a teoria sustenta a ideia que o gênero é uma construção sociocultural, formada por normas e expectativas que mudam com o tempo e o lugar. Ao destacar a natureza performativa do gênero, Butler nos encoraja a reconsiderar as ideias convencionais de masculinidade e feminilidade, questionando as barreiras rígidas e binárias que restringem a expressão de diversas identidades de gênero. A teórica enfatiza o papel crucial da linguagem e das convenções sociais na definição da performance do gênero. Ela argumenta que as identidades de gênero são formadas através de ações repetitivas e ritualizadas, que dão a impressão de uma identidade consistente e imutável. Assim, o gênero não é uma característica permanente de um indivíduo, mas um processo contínuo de desempenho que são reiteradas e assimiladas.

Nesse contexto de reflexões a respeito da performance de gênero, Evaristo optou por discutir esse tema humanizando o sujeito negro, ou seja, por meio da representação existencial de uma personagem que configura vários aspectos da experiência humana negra. Há aspectos que indicam a afirmação da noção de masculinidade, porém, ao longo do tempo, certas características demonstram a sua complexidade e evidenciam que a personagem não se limita apenas à superfície, mas é composto por múltiplas subjetividades. Percebe-se que, na narrativa, há a possibilidade de observar a discrepância entre o comportamento normalmente esperado dos homens e mulheres na sociedade. Os recursos literários utilizados pela autora indicam um esforço para que isso aconteça.

Continuando esse contraponto Evaristo (2022) destaca tanto a perspectiva masculina quanto a feminina. As escolhas de temas agregam valor à obra, visto que possibilitam uma análise das desigualdades de gênero surgidas ao longo da história afrodescendente. A personagem Fio Jasmim retrata o conceito de virilidade e personifica os padrões mais fundamentais da masculinidade. Esta identificação se torna evidente à medida que seus caminhos são desvendados, uma vez que ele incorpora aspectos pertencentes ao gênero masculino. No entanto, ele é um homem ferido que esconde suas vulnerabilidades, praticando aquilo que compreende ser o papel verdadeiro do ser humano.

Pinho (2014) considera a masculinidade como um enigma construído a partir das estruturas sociais. Para o autor,

[...] quanto mais incorporamos elementos na análise, mais complicado fica o nosso enigma masculino, e mais claro torna-se a imbricação fundamental entre os padrões de reprodução social da sociedade, e a categorização racializada de

gênero, conformando efetivamente dispositivos de articulação das trajetórias individuais a padrões estruturais mais gerais. Poderíamos considerar, e essa é efetivamente a nossa perspectiva, que a produção e sustentação de significados socialmente definidos para masculinidade jogaria peso importante na reprodução estrutural do sistema. Ou seja, seria para a articulação que engendra o vínculo entre a cultura (rede de categorias e sentido) e a estrutura social, como padrões persistentes, que voltariamos nosso olhar (Pinho, 2014, p. 237).

De acordo com a perspectiva de Pinho (2014) sobre a construção de um ideal masculino ao longo da história, Evaristo (2022) utiliza atributos de gênero para progredir em sua trajetória social, incorporando características percebidas como fundamentais para a formação da masculinidade. Ao dar vida a um personagem que encarna essas características essenciais, ela explora percepções sobre o que constitui a masculinidade, realizando um estudo minucioso das complexidades emocionais que ele aparenta.

É sumariamente significativo frisar que analisar esse personagem vai além da observação superficial das emoções externamente expressas, pois é crucial examinar com atenção seus comportamentos e atitudes para uma compreensão abrangente. Embora o personagem seja moldado pelos estereótipos masculinos, que são construções sociais, e exercem influência na percepção das masculinidades negras, sua trajetória, marcada por performances intensas, é interrompida por dilemas que trazem à tona questões profundas relacionadas à racialidade. Evaristo (2022) utiliza essa personagem como uma lente para explorar não apenas as dimensões da masculinidade, mas também as interseções complexas entre identidade de gênero e questões raciais. Fio Jasmim é fruto do racismo e do machismo, afinal, ele não foi o príncipe eleito pela professora:

A dor que Jasmim guardava e que nunca comentara com ninguém foi quando não pôde ser o príncipe na escola. Mas tudo havia ficado no passado distante; ao crescer, ele foi construindo seu reino próprio, experimentando modos de viver outras realezas. Dores também não eram sentimentos para homens (Evaristo, 2022, p. 120).

A perda do papel de príncipe para um menino loiro marca a vida de Fio Jasmim, pois desperta a consciência precoce das complexidades das interseções de raça e gênero, bem como desafia as expectativas sociais sobre o que é ser um homem negro em uma sociedade que, muitas vezes, privilegia características diferentes. Ele, agora, é o homem que recebeu os conselhos dos mais velhos para dominar as mulheres. Ancorar seu corpo nos corpos de diversas mulheres tinha sido uma lição que Fio Jasmim aprendera com o próprio pai, aquele que o ensinou a obrigação de ser viril, de ser um dominador.

Para Bourdieu (2012), a virilidade é uma noção relacional, “[...] construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (Bourdieu, 2012, p. 67). Nesse sentido, *Canção para ninar menino grande* é a descrição da compreensão do pai de Fio Jasmim sobre a relação do filho com as mulheres:

O pai de Jasmim, homem já maduro, cuja flor já não gozava de haste tão rija, sorria feliz ouvindo as histórias do filho. Na escuta dos jactados encontros de Jasmim com as mulheres, o pai saudoso das façanhas do passado se reconhecia na virilidade do filho. Ficava imaginando mulheres oferecidas diante dele a brincar desejantes e carinhosas com seu ereto lírio negro (Evaristo, 2018, p. 76-77).

Nessa concepção, percebe-se o pai de Jasmim, um homem maduro, regozijar-se ao ouvir as histórias de conquistas amorosas do filho. Ao escutar os relatos dos encontros de Jasmim com mulheres, o pai, nostálgico das proezas de sua juventude, se identifica com a virilidade do filho. Ele imagina, de maneira fantasiosa, as mulheres desejosas e carinhosas diante do filho, representando a continuidade da potência masculina na família. A metáfora do “ereto lírio negro” sugere uma representação simbólica da masculinidade de Jasmim, vinculando-a à vitalidade e à sensualidade.

Conforme Bourdieu (2012), o falo raramente é nomeado, ou seja, a honra masculina é intrinsecamente ligada à virilidade, demonstrada, sobretudo, em provas de potência sexual. Contudo, essa característica viril “[...] entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social [...]” (Bourdieu, 2012, p. 64) também implica uma necessidade constante de afirmação, que o sociólogo chama de “cilada do privilégio masculino”.

Para o autor, a masculinidade tem que ser validada por outros homens e atestada como forma de pertencimento a um grupo de ‘verdadeiros homens’: “[...] o homem ‘verdadeiramente homem’ é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública.” (Bourdieu, 2012, p. 64). Nesse sentido, a situação do pai – homem cujo pênis “[...] já não gozava de haste tão rija” (Evaristo, 2018, p. 76) – apesar de não ter mais a capacidade de ‘fazer crescer a sua honra’, reconhece sua masculinidade representada nas histórias do filho.

2 A influência história do patriarcado na expressão de sedução em Fio Jasmim

A narrativa *Canção para ninar menino grande* mergulha nas complexidades da identidade negra, entrelaçando-se com as ricas tapeçarias da história, cultura e sociedade. No epicentro dessa exploração está Fio, cuja sedução não é apenas uma expressão pessoal, mas um reflexo intrincado das narrativas culturais e da influência histórica que moldam sua jornada.

Nesse sentido, na caracterização de Fio, emerge a dualidade que abarca tanto o arquétipo do homem conquistador quanto o do conquistado, ou seja, o papel de sedutor e, concomitantemente, o do seduzido, a faceta do assediador e, ao mesmo tempo, a da vítima de assédio.

Para dialogar com as questões Patrícia Hill Collins (2019) discute a masculinidade negra através de uma lente interseccional, analisa como raça, gênero, classe e sexualidade se entrelaçam para moldar as experiências dos homens negros. Ela argumenta que a masculinidade negra não pode ser compreendida isoladamente, mas deve ser vista no contexto de outras categorias sociais que afetam a vida dos homens negros. Collins destaca a importância de reconhecer as múltiplas identidades e as formas complexas de opressão que os homens negros enfrentam, e como isso influencia sua expressão de masculinidade. Ela também enfatiza a necessidade de desafiar as narrativas dominantes que frequentemente estereotipam e marginalizam os homens negros, propondo uma abordagem mais inclusiva e justa que valorize suas vozes e experiências.

Permeando as contribuições trazidas Baudrillard (2008) discute a ideia de sedução como um fenômeno central na cultura contemporânea. Ele argumenta que, na sociedade pós-moderna, a sedução se tornou uma estratégia dominante de comunicação e interação social. A sedução, para o autor, não está restrita apenas ao âmbito sexual, mas também à forma de manipulação simbólica que permeia todos os aspectos da vida social. Baudrillard atesta que

a hipersexualização na cultura contemporânea, onde o sexo se torna um simulacro, uma representação distorcida e intensificada da realidade. Ele aborda como a sociedade pós-moderna está saturada de imagens sexuais que não refletem diretamente a experiência real, mas são construções midiáticas. Nesse contexto, o homem sedutor pode ser visto como alguém que se envolve

nesse jogo de representações, utilizando a sedução como uma estratégia de comunicação e construção de identidade (Baudrillard, 2008 p. 42).

No contexto da hipersexualização mediada, Baudrillard (2008) discute como o homem sedutor se torna um participante ativo nesse jogo de representações, sugerindo que, em vez de relações baseadas em experiências reais e autênticas, as interações sexuais e as dinâmicas de sedução são moldadas por imagens e símbolos exagerados, muitas vezes, apresentados pela mídia. O homem sedutor, nesse sentido, utiliza a sedução como uma estratégia de comunicação e construção de identidade dentro desse ambiente saturado de representações sexuais simuladas.

À medida que a trama se desenrola, assistimos ao colapso do mito associado ao masculino, revelando-se, de maneira mais clara, as múltiplas facetas relacionadas ao seu nome seja como fio-cordel, sugerindo delicadeza ou o corte de uma ferramenta, seja como flor-jasmim, cujo perfume se destaca especialmente durante a noite, em um evidente apelo à sensualidade e ao erotismo.

Longe da figura do herói, Fio representa as contradições do universo masculino, criado desde a infância para aceitar pensamentos e ações sexistas. Junto com seu pai e os demais mais velhos, ele aprende a ter orgulho de sua masculinidade, a se enquadrar no mecanismo de dominação masculina socialmente inculcada por meio da reprodução incessante de valores e comportamentos.

O patriarcado, em sua totalidade, configura-se como um sistema de dominação que exalta a superioridade do gênero masculino em detrimento da inferioridade e subordinação do gênero feminino. Fato que acaba, entretanto, por influenciar contextos sociais nos quais mulheres e homens se constituem como agentes sociais dentro de uma perspectiva já pré-determinada, exercendo papéis que devem ser seguidos para uma devida “[...] manutenção da ordem” (Saffioti, 2004, p. 42). Dessa forma, Saffioti (2004) ainda enfatiza que, ao exercer papel de base para a sociabilidade atual, o patriarcado e suas ideologias continuam vigorando ao longo do tempo e se fazendo presentes nos mais diversos âmbitos da vida dos sujeitos sociais. No entanto, deve-se ressaltar que as construções patriarcais não surgem junto à sociabilidade capitalista, sendo àquelas anteriores aos adventos que marcaram a consolidação do sistema.

Evaristo (2022), em *Canção para ninar menino grande*, constrói o personagem Fio Jasmim como forma de demarcar e denunciar a questão do machismo estrutural, herança do patriarcado que, em sua totalidade, configura-se como um sistema de

dominação que exalta a superioridade do gênero masculino em detrimento da inferioridade e subordinação do gênero feminino. Nessa esteira, Fio Jasmim poderia ser mais um dos cafajestes que atravessam as vidas das mulheres, afinal, o pai, como ele ferroviário, significativamente chamado Máximo Jardim, lhe ensinara que dores não vazam dos olhos dos homens:

Ancorar seu corpo nos corpos de diversas mulheres tinha sido uma lição que Fio aprendera com o próprio pai. Máximo Jasmim, um homem de pequeno porte, aparentemente tímido e que tinha uma prole de dezessete filhos espalhados pelo interior de Gerais afora. Fio, um dos mais novos rebentos de Máximo, fora concebido em uma menina de quinze anos, quando o homem já beirava os seus quase sessenta. Fio cresceu ouvindo as proezas do pai. Aprendera com ele que ser homem era ter várias mulheres. E mais certo era escolher, dentre elas, uma mais certa ainda para o casamento. Cedo, Fio Jasmim começou a buscar avidamente por mulheres, como se o nosso corpo não tivesse outra função, a não ser ancoradouro para homens (Evaristo, 2022, p. 93).

Ele é fruto desse sistema cruel e desumano que permeia a complexa sociedade. Jasmim, desde pequeno, foi condicionado pelo pai e pelos homens que lhes cercavam que homem é para ser sedutor, galanteador de mulher porque elas são frágeis e precisam ser dominadas. É preciso mostrar o poder do homem sedutor, dominador, segundo Bourdieu:

A relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo -- o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação, tudo isso é consequência de um sistema dominante (Bourdieu, 2012 p. 42).

Então, a principal função de Fio é fecundar as mulheres, gerar filhos em moças bem criadas, todas com nome e sobrenome de famílias, a exemplo de Neide Paranhos da Silva, cujo filho é concebido na época de frutos cheirosos como laranjas; ou, ainda, Pérola Maria, que Fio escolheu como mulher no civil e no religioso e que dele esperava apenas a garantia de engravidar; e Juventina Maria Perpétua, para quem homens “[...] não passavam de meninos grandes, que viviam agarrados às saias das mulheres em busca de proteção” (Evaristo, 2022, p. 18). Outras mais se sucedem, mulheres que não têm medo do prazer, com filhos que brincam juntos, indiferentes a quem é o pai.

Dolores afirmava alto e bom som que as gêmeas eram filhas do marido de Pérola Maria. Antonieta garantia que o seu caçula, O Jasminzinho, um dia,

ainda iria morar com o pai. Dalva Ruiva, por sua vez, mãe de cinco filhos, os três mais novos com seus cabelos de fogo, como os dela, porém encaracolados bem crespos, como daqueles que era apontado como o pai das crianças (Evaristo, 2022, p. 15).

Ao atravessar a vida de tantas mulheres, percebe-se que as influências do machismo dominante fazem com que a personagem agisse dessa forma. Tal comportamento é uma prova para sociedade que ele é o homem viril, forte e sedutor, tornando-se respeitado e admirado por um grupo seletivo de espectadores, porém, tudo isso era para esconder traumas, dores e frustrações vivenciados desde a infância. Fio intensificou as relações amorosas e sexuais como uma forma de se esquivar de um profundo sentimento interno que o angustiava, porém, após cada transa, ao passar o aforismo do prazer, sentia um enorme vazio no peito, uma tristeza profunda lhe consumia.

Juventina, a Tina, é a mulher que compõe a partitura da *Canção para ninar menino grande*, pois é a personagem que une as mulheres do romance, tornando-as ‘cúmplices e testemunhas’ das histórias de amor, felizes ou infelizes.

Ademais, em *A gente é da hora: homens negros e masculinidade* (2004), bell hooks¹ aborda questões relacionadas à masculinidade negra, discutindo como os homens negros são socializados em um sistema patriarcal que, muitas vezes, os desumaniza e os coloca em oposição às mulheres e à sua própria humanidade. Ela examina como as expectativas de masculinidade podem ser prejudiciais para os homens negros e como eles podem encontrar formas de resistir a essas normas opressivas:

Vistos como animais, brutos, nascidos para estuprar, e assassinos, homens negros não tiveram chance real de falar quando se trata do jeito como são representados. Eles fizeram algumas intervenções no estereótipo. Como uma consequência, eles se tornam vítimas de estereótipos que foram articulados primeiro no século dezanove, mas que dominam as mentes e imaginações de pessoas dessa nação no dia de hoje. Homens negros que recusam categorização são raros, o preço da visibilidade no mundo contemporâneo da supremacia branca é que a identidade do homem negro seja definido em relação ao estereótipo seja pela incorporação dele ou pela busca de ser diferente disso. No centro do jeito como se construir a identidade do homem negro no patriarcado capitalista supremacista-branco está a imagem do bruto — indomado, não civilizado, sem pensamento, e sem sentimento (hooks, 2022, p.142).

¹ Gloria Jean Watkins, mais conhecida como bell hooks, optou por usar letras minúsculas em seu pseudônimo para destacar a importância de suas ideias, em vez de sua identidade pessoal. O nome “bell hooks” é uma homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks. A decisão de usar letras minúsculas também é um ato político que rejeita o egocentrismo intelectual. Assim, hooks desejava que o foco estivesse em suas palavras e trabalhos, não em sua personalidade.

No cerne da discussão empreendida hooks (2022) discute como os homens negros são frequentemente estereotipados e caricaturados como brutos, violentos e desumanizados na sociedade contemporânea, uma percepção enraizada em representações historicamente construídas e mantidas pela supremacia branca. Esses estereótipos não apenas desumanizam os homens negros, mas também limitam suas possibilidades de expressão e identidade, forçando-os a se encaixarem em um molde estreito e prejudicial de masculinidade.

No contexto da obra *Canção para ninar menino grande*, vemos como esses estereótipos culturais sobre os homens negros. O personagem de Fio Jasmim pode ser visto como uma resposta a esses estereótipos, desafiando ativamente a noção de masculinidade negra como bruta e desprovida de pensamento e sentimento.

Nessa perspectiva, Fio Jasmim, por meio de sua arte, sua sensibilidade e abordagem não convencional da masculinidade, oferece uma representação mais complexa e humana do homem negro. Ele recusa a categorização simplista imposta pelos estereótipos, buscando definir sua identidade de forma autêntica e resistindo à pressão de conformar-se às expectativas racistas e sexistas da sociedade.

3 A importância das figuras femininas na vida de Fio Jasmim

Em *Canção para ninar menino grande*, as personagens femininas emergem a expressão das complexidades das relações humanas. Evaristo (2022), reconhecida por sua abordagem sensível e envolvente das experiências da mulher negra, proporciona um espaço literário no qual as figuras femininas não apenas ocupam posições de destaque, mas também desempenham papéis cruciais na construção de identidades, na resistência frente às adversidades sociais e na celebração da cultura afro-brasileira. Embora o personagem principal seja Fio Jasmim, são as mulheres que criam toda a trama do enredo da obra. A profunda importância das personagens femininas na narrativa destaca a força, a resiliência e a riqueza das histórias que se desdobram através de suas vivências, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais e culturais abordadas pela autora.

Em cada capítulo, encontramos uma história diferente dessas mulheres que se apaixonaram e, de algum modo, foram abandonadas por Fio Jasmim. Na obra, a autora

aborda também os estereótipos que envolvem o homem negro e como isso afeta suas relações e sua vida. O que aos poucos vamos percebendo é que talvez essa vontade insaciável de Fio Jasmim também seja um reflexo da sua própria carência em uma busca de preencher um vazio interno.

A narrativa é muito mais sobre as vidas por ele atravessadas, sobre os desejos das mulheres, sobre o olhar dos homens para as mulheres, sobre os sonhos, sobre seus corpos e suas escolhas. Em outras palavras, são histórias de muitas mulheres que compõem a história de um homem. Evaristo (2022) tece as histórias por meio da narração de Juventina Maria Perpétua, a Tina, que lhe conta as histórias de várias mulheres que cruzaram com sua própria história, com isso, Tina inicia e fecha a narrativa, ou seja, a vida de todos se mistura com a dela. Assim, todas as mulheres perpassam e configuram a errática história amorosa e sexual de Fio Jasmim, o encantador e sedutor de mulheres, aquele que tem “[...] a moleira aberta e nenhum juízo”. (Evaristo, 2022, p. 22).

Nesse sentido, Fio Jasmim é um típico homem, rígido, rufião e cheio de si, que faz das mulheres o alvo da conversa com outros homens, mesmo sem saber nada sobre elas. Príncipe do desejo eterno, ele é treinado pelo pai para conquistar as mulheres, mas se vê vazio ao final de todo prazer. Seu êxtase dura pouco tempo:

Fio buscava na lembrança sua vida de menino. E o menino príncipe que ele queria ser, a única lembrança amarga da infância. Lembrava-se do pai cuidando de trazer o alimento para dentro de casa e ensinando ao filho, quando ele ficou rapazinho, como conquistar as mulheres. Lembrava -se do silêncio da mãe, que era bem mais jovem do que o pai, obediente a ele também, e da retirada dela de perto do marido, quando a conversa era de homem para homem. Sim, ele fora feliz na infância e pela vida afora. Felicidade não era para pensar e sim para viver. Sim, ele era feliz. E porque não ser? No entanto, um sentimento lhe acometia sempre, no final de cada gozo, quando ele pensava que o êxtase final seria eterno; mas acabava como sempre. Sua virilidade murcha, satisfeita, lassa, e o vazio lá dentro. Um vazio tão lá dentro a lhe pedir para tentar sempre e mais mulheres. Sempre e mais gozo (Evaristo, 2022, p. 122).

Apesar de descrever uma infância feliz, Fio experimenta um sentimento de vazio após os momentos de prazer sexual, buscando constantemente novas experiências. A narrativa sugere uma busca incessante por satisfação e uma reflexão sobre a efemeridade do prazer, explorando as complexidades das relações e as expectativas sociais ligadas à virilidade. Em contraste, as personagens femininas nessa história constroem relações de

solidariedade por meio da partilha de experiências, luxúrias e aceitação da dor, da alegria do parto e da criação dos filhos, fatos que Jasmim nem tinha formação para imaginar.

Apesar das inúmeras traições à Pérola Maria, mulher que escolheu como esposa em cerimônia religiosa e civil, Fio nunca cogitou se separar dela. Com ela, teve nove filhos, mas muitos outros se espalharam pelo mundo com diversas mulheres que ele conhecia (no sentido bíblico). Uma delas, Dalva Ruiva, queria ter filhos com ele que “[...] perderam um pouco da brancura ao ganhar a melanina do pai” (Evaristo, 2022, p. 85).

No entanto, durante a narrativa-partitura composta por Tina (musicista e compositora), também acompanhamos a jornada de Fio Jasmim rumo à uma pitada de revelação de si e do outro (melhor seria dizer, das outras):

Quando Fio Jasmim escutou da boca de uma mulher uma contida confissão de amor, que não era dirigida para um homem e sim para outra mulher, ele quase não acreditou. Já tinha ouvido de mulheres que não gostavam de homens, mas não conhecia nenhuma delas que gostasse de mulher. Aliás, ainda pequeno, ouvia algumas vezes sobre uma prima distante, que causava um zum-zum-zum na família. Diziam que a moça havia deixado o noivo, às vésperas do casamento, para ficar com uma mulher. Fio cresceu e nunca mais ouviu falar de prima Eulália. Quanto a homem gostar de homem, ele conhecia de perto alguns poucos, ninguém da família. Jasmim até brincava que gostava deles, pois eram homens do tipo que nunca competiriam pelas mulheres com ele. E, mesmo se competissem, ele ganharia, pois o dono da virilidade era ele. Era essa a visão que Fio Jasmim tinha a respeito das relações amorosas entre pessoas iguais. Foi preciso a vivência de Distinta de Sá para que ele entendesse que duas mulheres podem se amar entre si até o infinito. E, mais do que isso, a dor de um amor não vivido e a angustiante preocupação de Eleonora sobre o que seria a vida da mulher que ela queria tanto, se ela era feliz ou não, provocou em Fio um pensamento nunca experimentado antes. As mulheres que tinham passado por sua vida e as duas que ainda estavam com ele eram felizes? Elas eram felizes? E ele era? (Evaristo, 2022, p. 115).

Fio Jasmim, inicialmente surpreso, passa a compreender a existência e a profundidade dos sentimentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo, especialmente entre mulheres. Sua visão inicial, influenciada por estereótipos e preconceitos, evolui à medida que vivencia a história de Distinta de Sá e a preocupação de Eleonora com o bem-estar da mulher que ama. A reflexão sobre a felicidade nas relações torna-se central para Fio, questionando se as mulheres em sua vida são verdadeiramente felizes e, por extensão, se ele próprio é:

Foi preciso o encontro com Eleonora Distinta de Sá, foi preciso a amizade com ela, para que Fio Jasmim compreendesse que a vida não se resumia no encaixe do entremeio de pernas de um macho com o entremeio de uma fêmea (Evaristo, 2022, p. 122).

Antes desse encontro, Fio parecia ter uma visão limitada e heteronormativa da vida, onde as relações eram definidas pela simples união de um homem e uma mulher. No entanto, ao desenvolver uma amizade com Eleonora, uma mulher que vive uma relação amorosa com outra mulher, Fio expande seus horizontes e compreende que a vida e o amor não se limitam a padrões tradicionais.

A presença de Eleonora e a história dela com outra mulher desafiam as concepções preestabelecidas de Fio, levando-o a questionar e repensar suas próprias crenças. A mudança no pensamento de Fio é representativa de uma evolução pessoal e de uma quebra de preconceitos, indicando a importância do diálogo intercultural e intersexual na desconstrução de estereótipos e na promoção da diversidade de experiências afetivas e sexuais. Essa transformação sugere uma abertura de Fio para uma compreensão mais ampla e inclusiva das relações humanas e da complexidade da vida.

A polifonia, ou seja, a multiplicidade de vozes femininas independentes, permite que diferentes personagens tenham suas próprias perspectivas dentro da obra. Isso enriquece a narrativa ao oferecer uma variedade de pontos de vista e experiências. Essas vozes femininas ofuscaram as histórias contadas pelos homens e até os documentos escritos, mas esquecidos ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, o foco muda, a música *Canção para ninar menino grande* não tem como objetivo acalmar as crianças, mas, sim, acalmar os “meninos grandes.”

Nesse sentido, Fio não passa de um menino com seus traumas e frustrações: “[...] a lição de cunho mais severo e doce que ele aprendeu foi com uma mulher. Uma mulher a quem ele nunca cortejou. Com ela, aprendeu que homem podia, sim, verter lágrimas suas dores e sua perplexidade diante da vida, diante do mundo” (Evaristo, 2022, p. 130). Foi preciso encontrar Eleonora para que Fio Jasmim volta-se para suas próprias dores e percebesse que a dor é um sentimento que também afeta os homens e não somente as mulheres:

E foi Eleonora que enxugou carinhosamente as lágrimas de Fio, enquanto esteve por perto dele, antes de ela se juntar a nós. Os profundos prantos do homem foram ouvidos por ela. Lágrimas em turbilhões, porque antes represadas em algum canto da alma dele. Em um desses momentos de livres lágrimas, tal a extensão da confessada dor, antes negada, Fio falou para Distinta de Sá sobre a música que Tina tinha feito para ele um dia (Evaristo, 2022, p. 130).

Nota-se o impacto positivo das mulheres, especialmente Eleonora e Distinta de Sá, na vida emocional e na transformação pessoal de Fio Jasmim. A capacidade de Eleonora em oferecer apoio emocional e de ouvir as preocupações de Fio evidencia o poder do cuidado e da empatia feminina. Além disso, a menção da música feita por Tina revela como as mulheres não apenas desempenham papéis de suporte, mas também contribuem de maneiras criativas e inspiradoras na vida de Fio. A narrativa sugere que as mulheres têm um papel central na jornada de Fio, proporcionando-lhe consolo, compreensão e inspiração, o que contribui para sua transformação emocional e pessoal.

Entender que as mulheres são muito mais que seus corpos, ou seja, o poder das mulheres, é evidente ao longo deste livro. Segundo Vilma Piedade², o poder feminino representa o pensamento circular na tradição iorubá. Em outras palavras, se me reconheço no outro, então, sou isso porque o outro existe, e sou isso porque você me reconhece. E nesta tradição nada acontece, nada nasce sem o poder das mulheres.

Considerações finais

Ao desvendar a complexidade da masculinidade e sedução de Fio Jasmim em *Canção para ninar menino grande* sob a influência de expectativas patriarcais e normas de gênero, alcançamos nosso objetivo de refletir sobre a identidade masculina na sociedade contemporânea. O estado da arte reforçou a relevância da temática, transcendendo o campo literário para abraçar contribuições do contexto educacional e de diversas disciplinas das humanidades. A obra proporcionou uma lente única para analisar como características culturais, históricas e sociais associadas à identidade negra influenciam a percepção de Fio como sedutor. Exploramos como suas interações com as mulheres moldam suas atitudes, crenças e comportamentos, acrescentando uma perspectiva significativa ao entendimento de sua masculinidade.

² Vilma Piedade é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pós-graduada em Ciência da Literatura pela mesma instituição. É professora, escritora e autora do livro-conceito “Dororidade”, publicado em novembro de 2017 pela Editora NÓS. Antirracista, mulher preta, feminista, é relatora da Revisão da Conferência de Durban e palestrante.

No entrelaçar das ações e performances de Fio Jasmim na trama, destacamos o impacto nas vidas de outros personagens e no desenvolvimento da história. Essas análises levantaram questionamentos sobre as implicações mais amplas das escolhas do protagonista, abrindo espaço para futuras pesquisas que explorem a dinâmica das relações de gênero na literatura contemporânea. A relevância contemporânea desta pesquisa reside na necessidade de compreender a masculinidade além de fronteiras acadêmicas, considerando não apenas o protagonista, mas também o contexto mais amplo da trama. Dessa forma, delineiam-se novas pistas para estudos futuros, sugerindo a importância de investigações mais aprofundadas sobre as histórias, saberes, recursos, resistências e estratégias de adaptação de personagens como Fio Jasmim.

Desenvolver um enfoque sobre a masculinidade em *Canção para ninar menino grande* amplia nossa visão da identidade masculina na literatura contemporânea. Este estudo serve como ponto de partida para futuras investigações que promovam uma compreensão mais profunda e contextualizada da diversidade de experiências masculinas, contribuindo para enriquecer nossa percepção sobre gênero, cultura e sociedade. Nas páginas de *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, somos convidados a uma jornada íntima e complexa pelas intrincadas performances de Fio Jasmim, cuja masculinidade e sedução são minuciosamente desvendadas ao longo da narrativa. Ao explorar a vida desse personagem, mergulhamos em um universo onde as expectativas tradicionais de gênero e as normas sociais são desafiadas e a interseção de sua identidade se torna uma reflexão profunda sobre as complexidades das relações e da autoexpressão.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Campinas: Papiros, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad.: Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

HOOKS, bell. **A gente é da hora: Homens negros e masculinidade.** Tradução Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante 2022.

PINHO, Osmundo. Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil. **Revista universitas humanística**, Bogotá, [S. l], n. 77, p. 227 - 250, jan/jun, 2014. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/5945/6432>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.